



A preparação de um ciclo de canções: elementos subjetivos na interpretação do cantor

Rômulo de Freitas Santos Nicolai

UNIRIO / PPGM

Mestrado

Teoria e Prática da Interpretação Musical

romulo.nicolai@edu.unirio.br

Resumo: O objetivo desse estudo é propor uma linha de pensamento na construção da interpretação do cantor a partir do ciclo de canções “Botando o mundo pra gozar e sem gozo nenhum” do compositor Caio Senna. O trabalho tem como eixo central estabelecer um olhar inicial para os aspectos subjetivos que norteiam os quatro poemas de Stela do Patrocínio, um paciente psiquiátrico, que sofria de esquizofrenia e que permaneceu durante trinta anos em sistema asilar. A investigação visa estabelecer uma compreensão à luz dos conceitos e recursos que abarcam a performance da música contemporânea, fundamentando-se em elementos técnicos, estéticos, cênicos e subjetivos, de maneira que o cantor tenha espaço para expressar suas potencialidades, sem se distanciar da essência da obra e das singularidades do seu criador.

Palavras-chave: Caio Sena; Stela do Patrocínio; Psicanálise; Interpretação; Música Vocal Contemporânea.

The debut of a song cycle: subjective elements in the singer's interpretation

Abstract: The objective of this study is to propose a line of thought in the construction of the singer interpretation, based on the song cycle "Botando o mundo pra gozar e sem gozo nenhum" by composer Caio Senna. The central axis of the work is to establish an initial look at the subjective aspects that guide the four poems by Stela do Patrocínio, a psychiatric patient who suffered from schizophrenia and who remained for thirty years in an asylum system. The investigation aims to establish an understanding in the light of the concepts and resources that encompass the performance of contemporary music, based on technical, aesthetic, scenic and subjective elements, so that the singer has space to express their potential, without distance from the essence of the work and the singularities of its creator.

Keywords: Caio Sena; Stela do Patrocínio; Psychoanalysis; Interpretation; Contemporary Vocal Music.

“A criação artística, sempre nos revela, como vimos, algo novo, um novo aspecto de uma realidade já conhecida (NERO, 2004, p.54)”.

1 Introdução

O presente trabalho tem como proposta abordar dois pontos distintos, porém complementares. No primeiro, vamos aprofundar um estudo sobre a influência dos elementos subjetivos na criação artística, presentes no desenvolvimento psíquico do sujeito.

Em seguida, vamos nos debruçar sobre o processo de escolha na construção de um caminho interpretativo, onde ao intérprete caberá a opção de assumir a subjetividade do próprio paciente, criador da obra ou então, interpretar as angústias transcritas nos poemas à luz do seu próprio universo psíquico.

A doença mental e a criatividade, frequentemente, estão associadas uma vez que, em muitos momentos, criar significa distanciar-se da realidade.

Essa prática vinha acompanhada de uma série de rituais de exorcismo, orações, e em muitos casos ocorriam ameaças de punições, caso os métodos ritualísticos não tivessem efeito. No período de grandes construções, de grandes pirâmides e templos, entre a III e a VI dinastias (2664 a 2181 a.C.), o desenvolvimento artístico foi notável. A principal finalidade da música, assim como de outras artes no antigo Egito, era, sobretudo religiosa, mas também desempenhava função ritual e até militar. Havia cantos do povo cantados em cerimônias religiosas nas quais se buscava a cura de doenças físicas, emocionais e até espirituais. (SIMÕES, 2016, p89)

Segundo Simões, 3000 anos a.C. os Egípcios tiveram um importante avanço no tratamento de pessoas aparentemente com dificuldades acerca da saúde mental. Os curandeiros do Nilo receitavam atividades musicais, pintura e dança, com o propósito de amenizar os sintomas, na expectativa de uma retomada à “normalidade”.

Em torno de 2500 anos a.C., a música Egípcia viveu o seu apogeu, com inúmeras apresentações, com instrumentistas, cantores e apresentações de dança, o que reforça que a arte tinha um papel fundamental na construção de uma sociedade, a ponto de fazer parte de uma ideia de tratamento terapêutico, que buscou criar uma civilização, com base no desenvolvimento da escrita, agricultura, urbanização, astronomia, medicina, literatura e, principalmente, na arquitetura que, até os dias de hoje, são admiradas por pessoas do mundo todo, o que nos revela a dimensão da riqueza cultural produzida por aquele povo.

“A diversidade de estéticas na produção musical do século XX resultou numa rápida expansão das técnicas de composição, que por sua vez influenciaram particularmente o desenvolvimento e utilização de novos recursos sonoros.” (TABORDA, 2003, p. 151)

Podemos entender que produzir arte significa estar aberto às mudanças de pensamento que permeiam os séculos e ecoam na música contemporânea, que está em constante transformação, e busca a todo o momento novos elementos para enriquecer a sua criação. Desde o tradicional até a mais avançada tecnologia, a música contemporânea oferece ao intérprete uma visão mais ampla do universo musical, para assim entender o quanto de espaço ainda existe

para a criação de novos conceitos para a música atual.

2 Da loucura à Criação Artística

“O processo da Reforma Psiquiátrica divide-se em duas fases: a primeira de 1978 a 1991, que compreende uma crítica ao modelo hospitalocêntrico, enquanto a segunda, de 1992 aos dias atuais, que se destaca pela implantação de uma rede de serviços extra-hospitalares.” (MESQUITA, NOVELLINO, CAVALCANTI, 2010, p.2)¹²³

Segundo Foucault (1972), os hospitais gerais eram uma modelo de casa de correção, ou seja, tratava-se de um local cujo propósito era realinhar socialmente o indivíduo. Essas casas de correção eram uma espécie de prisão com o objetivo de impedir que as pessoas tomassem posições contra o governo vigente, ou expusessem moralmente a alta sociedade.

As mudanças de pensamento ocorridas ao longo do século XX, nos levaram a migrar de um modelo baseado em punição e exclusão para uma proposta de tratamento fundamentada no reconhecimento e resgate das potencialidades do sujeito. A esse processo de transformação denominamos reforma psiquiátrica, movimento inspirado em diversas experiências de mudança que ocorreram no período pós Segunda Guerra Mundial.

Somente no século XX, com Freud, por meio da psicanálise e da psiquiatria, começa a surgir uma possibilidade de entendimento da fala da loucura, por meio de construções teóricas complexas, que tentavam dar sentido a esse discurso. Até então, a loucura era entendida como uma “linguagem excluída”, tal quais as palavras do filósofo Foucault (1972). Neste sentido, as artes, por outro viés diferente da psicanálise e da psiquiatria, acabaram por, também, levantar o interdito sobre a linguagem da loucura.

Por volta da metade do século XX, foi inaugurado no bairro de Jacarepaguá, o hospital psiquiátrico Colônia Juliano Moreira, com cerca de 7.000.000 metros quadrados abrigando mais de 4500 internos.

Em 1986, a artista plástica Nelly Gutmacher, professora, na época, da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, e seu grupo de alunos foram convidados pela Psicóloga Denise Corrêa para montar um ateliê na então Colônia Juliano Moreira. (MOSÉ, 2001, p.19).

¹ MESQUITA, José F. de Cientista Social – UERJ, Especialista em Filosofia Contemporânea – UERJ, Mestrando em Estudos Populacionais e Pesquisa Social – ENCE

²NOVELLINO, Maria, S.F. Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente é Pesquisadora Titular I e Professora do programa de pós-graduação da Escola Nacional de Ciências Estatística

³CAVALCANTI, Maria T. Pós-doutora na área de epidemiologia psiquiátrica na Universidade de Columbia, Nova York. Professora adjunta do departamento de psiquiatria da faculdade de medicina da UFRJ, Chefe do departamento de Psiquiatria e Medicina Legal da Faculdade de Medicina da UFRJ.

Em 1986, as psicólogas Denise Correia e Marlene Sá Freire tiveram a ideia de criar um ateliê artístico, a fim de humanizar o hospital e proporcionar uma distração para as internas da ala feminina do núcleo Teixeira Brandão. O projeto foi nomeado de “Projeto de livre criação artística”.

Os internos passaram a ser percebidos e escutados não apenas na sua doença, mas, sobretudo naquilo que poderia apontar a saúde a partir da expressão de conteúdos psíquicos que pudessem ser socialmente aceitos e encontrar um lugar na cultura. A outrora desorganização psíquica ganha o lugar de arte a partir do olhar do outro.

Stela do Patrocínio permaneceu em sistema asilar até a sua morte, ocorrida em 20 de outubro de 1992, quando tinha apenas cinquenta e um anos de idade.

Os falatórios de Stela do Patrocínio, captados pela artista plástica Carla Gagliardi⁴ resultaram em uma gravação que soma um total de 1 hora, 30 minutos e 49 segundos, que em meados de 1991, foram resgatados pela estagiária de psicologia Mônica Ribeiro de Souza. Postumamente, no ano de 2001, a psicanalista Viviane Mosé⁵ publicou trechos destas gravações em um livro de poemas intitulado: “Reino dos bichos e dos animais é o meu nome”.

Tendo como referência a teoria de Winnicott (1975), iremos caminhar na busca de um entendimento mais profundo, no que diz respeito às questões relacionadas à estrutura psíquica de Stela do Patrocínio (1941-1992), autora dos poemas que deram origem ao ciclo de canções, que se constituem no objeto de estudo deste trabalho.

“É no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto fruem sua liberdade de criação” (WINNICOTT, 1975, p. 88).

A partir dessa afirmação, podemos compreender que o desenvolvimento do aparelho psíquico se dá desde a infância. O brincar tem a função de ajudar a elaborar conflitos internos, organizar e ampliar o universo da criatividade.

Podemos também pensar que o processo criativo acontece a partir da necessidade de prover sentido à produção psíquica inconsciente. Desta forma, a produção inconsciente estimula o desejo de produzir um processo capaz de restaurar esse caos interno. Desta maneira, entende-se que o ato criativo seria a expressão desta energia organizadora, que transforma em produção socialmente aceita os conteúdos que antes não tinham espaço no universo simbólico do autor da criação.

⁴Carla Guagliardi, artista plástica responsável por gravar os falatórios de Stela do Patrocínio, Estudou na Escola de Artes Visuais do Parque Lage (1987/1989) e cursou pós-graduação em História da Arte e Arquitetura no Brasil, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1990/1991).

⁵ Viviane Mosé, Psicóloga, Psicanalista, responsável por reunir as gravações captadas por Carla Guagliardi e publicação de “Reino dos bichos e dos animais é o meu nome.”

De qualquer forma, para além das preferências por tal modalidade de expressão criativa, o fato é que pensar as musicalidades é poder criar condições de aproximação entre distintos saberes, para então a posteriori articularmos conceitualmente suas reverberações no corpo de saber da Psicanálise. Por este viés investigativo tencionamos, ao nos permitirmos escutar para além desse audível que nos toca, que nos move e que nos provoca muitas vezes, poder formalizar o que a Psicanálise, atravessada pela música, pode aprender e apreender com ela (TAVARES, 2014, p. 72)

3 Inconsciente como inspiração para a criação musical

Buscamos estabelecer, neste trabalho, um olhar para a relação do inconsciente com a criação artística e, neste contexto, para a interpretação do cantor sobre o ciclo de canções “Botando o mundo pra gozar e sem gozo nenhum”. O presente ciclo reúne quatro poemas de Stela do Patrocínio e retrata a dura realidade do sistema asilar, bem como o sofrimento da autora dos poemas diante da sua condição.

No campo da música, podemos entender um pouco mais sobre o universo apresentado por Stela do Patrocínio, através da peça em questão do compositor Caio Senna.

Caio Senna tem carreira expressiva como compositor no cenário da música contemporânea brasileira. Natural de São Paulo, iniciou seus estudos musicais aos 17 anos, quando já residia na cidade do Rio de Janeiro. Graduado e mestre em composição pela UFRJ, é doutor em música e docente na UNIRIO, onde também coordena o projeto de extensão Música Nova na UNIRIO, dedicado à divulgação da produção musical contemporânea no Rio de Janeiro.

Dono de uma vasta produção musical com mais de duzentas e quarenta peças para diversos instrumentos e formações, suas composições têm sido ouvidas regularmente nas principais mostras brasileiras de música contemporânea, tais como a Bienal de Música Contemporânea (Rio de Janeiro), Panorama da Música Brasileira Contemporânea (Rio de Janeiro), Encontro de Compositores Latino-americanos (Porto Alegre) e Encontro de Compositores e Intérpretes Latino-americanos (Belo Horizonte).

Compôs uma série de peças com diversas formações, dentre essas, dedicadas ao canto e piano, ciclos de canções, coro a capela canto e orquestra.

4 A peça em questão

“A música evolui não apenas nas suas formas, na sua técnica, no seu estilo e nos seus modos de expressão, mas também na sua linguagem.” (BARRAUD, 1975, p. 11).

Através dessa afirmação, podemos refletir sobre a doença que acometia Stela, cujos sintomas afetam principalmente a linguagem.

A peça em questão apresenta um grande desafio não só na estrutura musical, mas sobretudo na interpretação dos poemas formados por um corpo textual fruto do inconsciente de um sujeito, cuja patologia afetou em especial a capacidade de simbolização, dimensão que se relaciona com a nossa experiência, que é condicionada pela linguagem. É através da linguagem que nos diferenciamos dos animais, que vivem apenas no mundo físico, onde não existe a dimensão da cultura, tampouco da palavra como forma de expressão.

Perdi o gosto o prazer o desejo a vontade o querer. (PATROCINIO, 2009, p.113)

Eu não tenho coragem de enfrentar nada eu tenho que enfrentar a violência A brutalidade e a grosseria E ir à luta pelo pão de cada dia. (PATROCINIO, 2009, p. 114)

O corpo enclausurado tem sua ação limitada pelo discurso científico que, protegido pela verdade, também silencia a voz do louco por considerá-la o aspecto negativo dentro da oposição razão/loucura. Stela sabe disso e resigna-se diante do poderoso discurso racional. Ela perde o gosto de gostar, perde a coragem de lutar contra a brutalidade e a grosseria da prática institucional (ALMEIDA, BONFIM, 2018, p. 285)

Nos poemas expostos acima, temos uma série de elementos interpretativos, que fornecem um caminho para o intérprete. Contudo, nas pesquisas sobre a produção de Stela, foi possível ter acesso às gravações originais do seu falatório. Neste material, o embotamento afetivo característico dos quadros psicóticos coloca o cantor frente a um dilema interpretativo, que é: 1. dar voz e expressão ao potente conjunto de afetos expressos nos poemas de uma psicótica, que pela sua condição psíquica não demonstrava qualquer tipo de emoção na sua fala, partindo do olhar de um sujeito com outra estrutura, neste caso, o cantor/intérprete ou 2. arriscar-se na criação de uma performance mais próxima da dinâmica psíquica da artista, autora dos poemas?

A despeito do embotamento afetivo e da desorganização do pensamento - sintomas comuns na esquizofrenia - é possível reconhecer o caminho de linguagem construído pela autora e perceber o sofrimento traduzido nos seus falatórios.

O intérprete contemporâneo, ao cantar uma peça com uma abordagem relacionada à condição psíquica de um indivíduo, precisa buscar com cuidado os caminhos de interpretação, visando não incorrer em uma via de performance estereotipada, que replica o preconceito e o desconhecimento traduzidos no olhar do senso comum.

Na interpretação dos poemas que compõem o ciclo de canções em questão, entendemos que o material é resultado da produção psíquica da autora e nele estão contidas as angústias a serem interpretadas.

5 Primeira Reflexão

“Como resgate do corpo, a voz passa a habitar o corpo total, e dessa forma *incorpora* todos os sons possíveis que o corpo é capaz de produzir.” (BECKER, 2008, p. 44)

Ao refletir sobre qual caminho seguir, intuímos que o principal desafio consistirá em buscar, através dos elementos subjetivos, uma vereda na construção de uma interpretação vocal que traduza toda a angústia representada na obra.

Nessa fase inicial da pesquisa, será fundamental apropriar-se dos elementos que compõem a ideia central de cada um dos quatro poemas. Para atender a este propósito, o intérprete deverá compreender o contexto histórico e social da produção artística, bem como mergulhar no universo subjetivo dos artistas criadores. Entendemos que, a partir desse ponto, dar-se-á o início da construção de um caminho interpretativo que preserve a identidade da obra e o seu valor artístico.

Referências:

ALMEIDA, Tereza V de; BONFIM, Leticia de; Stela do Patrocínio e a Poética da Clausura, estudos de literatura brasileira contemporânea, n. 54, p. 277-295, maio/ago. 2018.

Disponível em: [SciELO - Brasil - Stela do Patrocínio e a poética da clausura Stela do Patrocínio e a poética da clausura](#)

Acesso em: 13 de dezembro de 2021

BARRAUD, Henry. **Para compreender as músicas de hoje**, São Paulo: Perspectiva, s.d.

BECKER, Susie, *A voz Contemporânea*, 2008, Dissertação (Mestrado)- Universidade de São Paulo, 2008.

Disponível em: [A voz contemporânea \(usp.br\)](#) Acesso em: 04 de janeiro de 2022.

CAVALCANTI, Maria T; MESQUITA, José F. de; NOVELLINO, Maria S. Ferreira; *A Reforma Psiquiátrica no Brasil: Um Novo Olhar Sobre o Paradigma da Saúde Mental*. Trabalho apresentado no **XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP**, realizado em Caxambu - MG – Brasil, de 20 a 24 de setembro de 2010.

Disponível em: [\(99+\) A REFORMA PSIQUIÁTRICA NO BRASIL: UM NOVO OLHAR SOBRE O PARADIGMA DA SAÚDE MENTAL 1 MARIA SALET FERREIRA NOVELLINO 3 | Maria Salet Ferreira Novellino - Academia.edu](#)

Acesso em: 28 de janeiro de 2022.

FOUCAULT, Michel; **História da Loucura na Idade Clássica**, Éditions Gallimard, 1972

NERO, Sonia, del. **Psicanálise e criatividade**: São Paulo. Vetor. 2004.

PATROCÍNIO, Stela; MOSÉ, Viviane: **Mundo dos bichos e dos animais e o meu nome**. 2001, Azougue Editorial

SIMÕES, Sandro Nery. A importância da educação musical em antigas civilizações e no Brasil com a aprovação da Lei nº. 11.769/2008. **Revista Espaço Acadêmico-n.** 184-setembro 2016, p 85-101.

Disponível em: [30118-Texto do artigo-148640-2-10-20160910.pdf](#)

Acesso em: 05 de fevereiro de 2022.

TAVARES, Leandro A. T. **Psicanálise e Musicalidade**: Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Doutor em Psicologia (Área de Conhecimento: Psicologia e Sociedade) 2014.

Disponível em: [Psicanálise e musicalidade\(s\): sublimação, invocações e laço social \(unesp.br\)](#) Acesso em: 08 de fevereiro de 2022

ZAGONEL, Bernadete. Descobrimo a Música Contemporânea: **Arte contemporânea em Questão. Joinville, SC: UNIVILLE/Instituto Schwanke**, 2007

Disponível em: [Descobrimo-a-Musica-Contemporanea \(1\).pdf](#)

Acesso em: 18 de dezembro de 2021

WINNICOTT, Donald, Woods; **O brincar e a realidade**, Edição brasileira, IMAGO EDITORA LTDA, 1975.